

*Estudos Literários & Comparados***ODU: ESTÉTICA NEGRA DE UMA ESCRITA DE ÁGUA***Camila do Nascimento Carmo\**

**RESUMO:** A proposta deste texto consiste em apresentar o *odu*, este que traça o caminho de uma estética negra produzida por uma escrita poética formada por água, a fim de anunciar quais as voltas e os trajetos são possíveis elaborar em palavras para dizer de modernidades periféricas e negras. Desse modo, a compreensão deste trabalho caminha no sentido de entender que a produção literária negrofeminina consiste em ações político-culturais da modernidade, a partir da textura aquosa de seus traçados os quais são denominados de riografias. Para isso, discussões em torno do poema “Ori” da poeta Livia Natália entregam consistências para esta produção que desafia a estrutura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ancestralidade; Escrita Negrofeminina; Modernidade; Riografias.

Para fazer fluir as linhas deste texto levei tempo para descobrir o que poderia escrever cem anos após a semana de 22. Quais as voltas e os trajetos são possíveis anunciar em palavra para dizer de modernidades periféricas e negras? Como a temática que compõe este dossiê cruza, entrecorta e, por vezes, se assemelha as minhas linhas de vida? Atravessada por essas interrogações, proponho pautar a participação afro-brasileira no projeto modernista de 22 cem anos após sua realização, a partir da compreensão de que são as águas que conjugam movimentos e constituem políticas de enfrentamento frente à rede de interdições que sempre agiu a fim de constituir discursos de apagamento e silenciamento de corpos negros reiterando a hegemonia ocidental.

Ao desembocar nessas compreensões, navego na direção de problematizar a construção de uma estética na poética negrofeminina, a partir do entendimento de que consistem em escritas de água que só podem existir no exercício de alianças com a coletividade, para desfazer os fluxos monitorados pelo racismo, machismo e sexismo que circundam e deitam-se sob corpos de mulheres negras.

---

\* Doutoranda em Literatura e Cultura pelo PPGLitCult da UFBA na linha Documentos da Memória Cultural. Mestra em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia compondo a linha Documentos da Memória Cultural.

Diante disso, rasgo minhas mãos para fazer a palavra inundar e assim perscrutar vozes adormecidas e silenciadas, carregadas de estereótipos em que singularidades são excluídas de modo a possibilitar a compreensão do emaranhado discursivo que continua a anunciar as hierarquias entre sexo/raça/classe de modo a estabelecer relações de superioridade e inferioridade ao constituir estratégia para inibir a produção artística e/ou literária de sujeitos negros, sobretudo de mulheres negras, pelo perfil racista construído de que somos “unidades de trabalho lucrativas”, como apontou Angela Davis (2016), sendo desconsiderada a possibilidade de intelecto e de uso de aspectos lógicos, insistindo no caráter imitativo e emocional como aquele que rege, segundo as representações sexistas, o processo criativo da mulher.

Diante de tais reflexões, compreendo a produção de mulheres negras enquanto ações político-culturais da modernidade em que evidenciam escritas que “rompem a dicotomia falsamente debatida de que o fato de se anunciarem tendo em vista questões políticas poderia levá-las a uma redução ou esvaziamento da sua esteticidade” (DIANE LIMA, 2017, p. 192). Com isso, ao passar as bordas, foi possível habitar a superfície que toma a produção negro-feminina enquanto categoria de análise fazendo-a circular para além do código hegemônico.

Assim, elaboro uma gravura nos traçados negros do poema “Ori”, escrito por Lúvia Natália (2016), não só como exercícios de vida de modo que sentir seja o que melhor se tenha, mas como o caminho que me permite debater, investigar e discutir as expressões estéticas da cultura negrofeminina enquanto críticas ao projeto de modernidade euro-ocidental no campo da literatura. Com isso, evidencio a presença de sonoridades e rítmicas na poética da autora, em que faz dançar a palavra destituindo a escrita como marca da superioridade cultural.

Para chegar a essa concepção, tomei o mundo como plano de intensidades em que expressões de forças são movidas pelas águas que absorvem, acumulam e descarregam vibrações e assim me coloco frente a um caminho possível de percorrer por dualidades e, ao mesmo passo, ser arrancada delas em uma complexa relação de caudalosas e brandas águas que fazem funcionar a cabeça e tudo o que ela carrega, como os olhos que permitem enxergar os versos da poeta:

### **Ori**

Um rio não caminha só,  
ele atravessa:  
rasga pedras e fere o chão com sua correnteza translúcida.

A água que cabe apaziguada no copo,  
dança macia nos corpos  
e escapa sinuosa das mãos  
está sempre caminhando.

Dentro do rio cabe um mais além das margens  
e seu limite frágil,  
entre o que é mato rasteiro,  
terra desfeita em lama ligeira e líquido vão.

Dentro desta água doce cabe a violência das torrentes.  
Dentro da água há um espaço sempre preenchido  
onde dança uma mulher castanha e bela.

No fundo, mais que limo e pedra,  
há pulseiras vivas e perfumes feitos de puro mistério.

Quando a água para  
– aquietada na carne lívida das lagoas –  
dentro dela há muita vida.  
Uma luz dourada emana de seus limites  
como de um ventre,  
enquanto os peixes bebem de seu encanto silencioso  
(LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 31)

Em um composto de sensações, os traçados negros de Lívia Natália ora me entregam raios, fogo e trovões, ora oferecem a mata, o ferro e a caça, pois suas águas, a que chamo riografias – numa inscrição de pesquisa ainda em andamento – dizem de corpos em contínuo fazer e desfazer rompendo com as expressões do vivido e formando possibilidades de vida distintas daquelas vivenciadas numa elaboração conjunta com os caminhos aquosos que emitem, recebem, liberam e recapturam os sentidos “com sua correnteza translúcida” que “rasga pedras e fere o chão”.

O rio não é visto só pelas suas formas, mas por um complexo de relações em que suas águas quando batidas nas pedras canta o estalido, vibra, produz sons que sucedem rapidamente, atravessa translúcido e sua potência de agir flutua, cava, sobe e desce, pois “dentro do rio cabe um mais além das margens” (LÍVIA NATÁLIA, 2016, p. 31). A voz do rio faz barulho no mar e conforme os encontros que realiza estreita a linha sobre a qual atravessamos a vida e nesse fazer há elaborações de uma escrita de água que na loca de pedra permite expansões.

As riografias que estão em “Ori” elaboram subjetividades não capturadas por uma forma única de existir e por isso nega e contradita a vida ao mesmo passo que produz linhas de segmentos flexíveis que fazem escapar a força ancestral das águas doces que na violência de suas torrentes permite que aos olhos enxergue dançar uma mulher que no doce de suas águas coloca a cabeça para conduzir caminhos de resistência e força.

Esta mulher que baila ao som ritmado das águas se insere em um contexto não coreografado, para no gesto grafar a palavra em que dança e corpo se inscrevem no movimento, produzindo vocalidades em um ambiente da memória que faz as espumas das ondas bordar

palavras. Nessa costura, mulheres negras estão circunscritas em “Ori”, esta divindade que permite a comunicação entre o mundo material e o espiritual, que enquanto consciência habita dentro de cada um de nós de modo a entregar o saber necessário para o caminho dos dias.

Em “Ori” há riografias, há água apaziguada que faz dançar os corpos e as palavras, estas que escapam as mãos e, assim como o rio, os versos estão sempre caminhando e quando aquietado, como a água, é possível ver os peixes ligeiros no verde das lagoas e atestar que há muita vida. Por isso, entre cores, texturas e aromas ingresso no mistério das águas para dizer de riografias em escritas negrofemininas em uma poética que saúda Ori, divindade que habita em cada um de nós e nos entrega consciência abrangente.

São as águas de Ori que conjugam, reelaboram e produzem um extraviar-se, em que transita o sentido no exercício político que desfaz estereótipos entendidos como inerentes aos corpos negrofemininos, como a elaboração de que possuímos corações gentis, doces e caseiros. Essas questões em uma irrequieta, ao mesmo passo que estável movimentação, nos conduz a compreensão de que assim como “um rio não caminha só” as políticas de enfrentamento só podem existir no exercício prático cotidiano quando atravessa e compõem-se em alianças com a coletividade, para desfazer os fluxos monitorados pelo racismo, machismo e sexismo que circundam e deitam-se sobre corpos de mulheres negras.

A palavra Ori, como fala e expressão, traz em si o conhecimento necessário para trilharmos nossos caminhos que, por vezes, são complexos, de mistérios e vertigens. Ao lavar a palavra crio um campo de saber para pensar e fazer este texto, o qual consiste em incorporar as águas em um caminho teórico- metodológico, de modo a perfazer traçados de uma lírica de rupturas nos fazendo enxergar a ancestralidade como mobilizador dos versos ao compreender que, em consonância com Eduardo Oliveira, ela educa o olhar na direção de uma cosmovisão africana na produção de uma “filosofia da terra” para uma “ética do encantamento”, portanto:

Olhar é um treino de sensibilidade. Aguça-se a sensibilidade para perceber o encanto que tece as coisas. Sensibilizado, o Outro deixa de ser apenas um conceito, e me interpela para uma ação de justiça e me convida a uma conduta ética. Sensibilizado posso fazer da vida uma obra de arte, uma construção estética. Edifico uma moral e uma ética baseada na criatividade e na tradição (OLIVEIRA, 2005, p. 260).

Com isso, volto o olhar para a vivência e reconhecimento da ancestralidade como modo de existir que faz das águas, da terra e das árvores inserções não só da fé negra, geradas em campo religioso, sobretudo de matriz africana, mas da vida cotidiana em luta que retorce

o tempo em voltejos e nos reinaugura ao enfrentar as normatizações hegemônicas. Desse modo, a poética aqui delineada enegrece o chão que pisamos de modo a fazer escapar dos versos potências que descolam do pensamento hegemônico onde as diferenças existentes são marcadas para que no entendimento molar a multiplicidade de corpos negros, sobretudo de mulheres negras, esteja no campo do visível e fora de universalizações.

Embora tenham nos ensinado que é para frente que se anda, os caminhos ancestrais têm nos apresentado o círculo e os movimentos espiralares, anunciando que escrever é “inscrever no corpo que dança, vozeia, canta e tamborila, o tempo constituinte das espirais” (LEDA MARIA MARTINS, 2021, p. 203) nos fazendo ver que assim se expande os regimes únicos de referência.

A estética negra de uma escrita de água presente nestes escritos constitui-se do entendimento de que toda realidade é contínua e descontínua e aqui a existência é explicada a partir de um descolar dos saberes do ocidente evidenciando, assim, uma modernidade periférica que se decompõem e compõem-se nos encontros, acelerações e freios da vida. Com isso, do mesmo modo que a água encontra, faz, cava, flui um caminho sempre, a poética negrofeminina deságua em profundidades por entre versos que são compostos em riografias, grafias de rio e mar, junto às linhas que aqui fluem em análises e reflexões.

Estas águas estão em movimentos que problematizam o racismo e sexismo, estes que apagam e invisibilizam a produção literária de mulheres negras. Portanto, ao partir do entendimento de que a modernidade não tece apenas construções sobre o ocidente, esta escrita e a poética instaurada pelos versos “Ori” deslocam e retecem tal noção ao desembaraçar as linhas emaranhadas da normatividade do pensamento colonial em que a lógica opressiva faz uso de hierarquias binárias as quais operam as ausências de uma escrita e estética negra e feminina nos estudos literários.

Diante desse contexto, entendo como que as riografias incidem na constituição de uma lírica de rupturas a partir de uma construção estética que se descola dos modelos europeus considerados universais, os quais estabelecem hierarquias frente aos movimentos da diferença. Desse modo riografias se coloca a romper com uma tradição que empoeirou, rasgou, escondeu e, por vezes, silenciou a produção literária de autoria negra, sobretudo, no que diz respeito a mulheres negras que escreveram e escrevem.

O poema que aqui escorre, sem desembocadura que o faça parar, produz alianças com modos de vida dentro da multiplicidade, ele está repleto de trocas e encontros num entrecruzamento com os segredos das águas que se alinham a terra retomando as lembranças entalhadas na memória para quebrar as bordas.

O movimento das águas nos permite traçar um *odu*, conceito que designa destino ou caminho para a cultura youruba dentro do candomblé, o qual é revelado pelo jogo de búzios, este que é formado por 16 conchinhas do mar. O *odu* traçado neste trabalho insiste em um voltar-se sobre nós mesmos como numa dobra que exprime invenções de diferentes formas conosco e com o mundo por entre esta escrita riográfica que nos distancia da noção colonial do pensamento ao envergar-se sobre ela e desse modo nos apresenta uma estética negra de uma escrita de água.

Dessa forma, visualizamos uma desarticulação do cânone pela produção intelectual, cultural, política e artística de mulheres negras que se faz entre palavras e coisas, num campo de forças que extraem potências em atos complexos que tange os Tempos na escrita negro-feminina de modo a descolonizar as perspectivas hegemônicas. Ao propor uma estética que destitui aquilo que foi convenicionado a ser chamado de belo na literatura o poema “Ori” rasura a forma única para o campo dos estudos literários da modernidade ao apresentar uma lírica de rupturas, esta que desafia a estrutura, ao apresentar um modelo de resistência, estratégico-artístico-político-estético em que não mais há o contar do feminino pelo masculino, mas sim atravessamentos que agenciam multiplicidades permitindo o desmanchar do pensamento sexista, racista e misógino direcionado a produção literária de mulheres negras.

O poema escolhido para este ensaio, que se estabelece no fluxo caudaloso e macio das águas, no faz entender sobre limites frágeis que escapam de forma sinuosa de nossas mãos. Diante o cheiro de maresia que exala no ar enquanto os versos se compõem uma poética que potencializa e expande a vida é produzida em múltiplas possibilidades de existência a partir de composições de forças que criam, brincam e ferem a língua tal qual peixes ligeiros no “coração de Água que molda as pedras macias” (LIVIA NATALIA, 2017, p. 39) que no fazer literário em traçados negros refaz o mundo subvertendo-o.

Sendo assim, quando falamos em *odu* estamos também nos referindo as intensidades do mundo que atravessam mecanismos de força, em que correntes formam linhas/palavras de modo a constituir o que chamamos literatura. Tal reflexão me conduz a entender que a literatura funciona como aquela que cria sensações, em toda sua consistência, recortando do mundo possibilidades várias.

O fazer literário existe numa rede de relações e não está separado dos encontros que faz com a vida, pois que as duas estão sempre sendo reinventadas e alterando as formas. Assim, visitando suas margens visualizo as estratégias de poder que tentam impedir que as produções literárias não canônicas, sobretudo aquelas produzidas por mulheres negras, acessem os relevos e páginas da história literária brasileira isso porque a atuação cerceadora do

poder permite que a escrita de mulheres negras seja capturada por seus mecanismos, ao inscrevê-las na lógica das interdições e silenciamentos.

Nesse sentido, uma escrita de água construía uma estética negra com a possibilidade de enfrentar “bases ideológicas semelhantes às que permitem a existência do racismo, a crença na dominação construída com base em noções de inferioridade e superioridades” (LUIZA BAIROS, 1995, p. 462). Sendo possível, também, compreender os mecanismos que constituem a colonialidade do poder como exercício prático político da intersubjetividade que faz funcionar categorias conceituais em um espaço de dominação/construção colonial do pensamento.

Desse modo, a estética negra de uma escrita de água posta em “Ori” elabora o curso da poética negrofeminina como ato político de erguer-se frente às tensões que constituem o corpo de mulheres negras como alvos de mutilações e rejeições. A escrita de água delineada neste ensaio e também nos versos extraem potências no ritmar das ondas e correntezas ao falar dos labirintos do cotidiano, do cheiro das maresias, das pedras e limos, das vozes que tropejam, dos movimentos afetivos.

Com isso, proponho não só para esta apresentação, como para pesquisa de doutorado ainda em andamento, a ideia de **falar com** e não **falar sobre** traçados negrofemininos que através de suas riografias, me permite fazer escoar uma análise crítica da normatividade estabelecida entre sexo-gênero-raça no contexto decolonial e instaurar discursos de reexistências termo usado pela professora Ana Lúcia da Silva Souza (2011) em sua pesquisa para designar a reinvenção de práticas sociais de jovens através do *hip-hop*, que aqui coloco em expansão e em diálogo com a resistência da escrita literária negra para possibilidades de existência em suas múltiplas formatações no fazer acadêmico a partir do entendimento de que o fazer político é exercício prático do pensamento.

Navegando neste rio de palavras, identifico conversas cheias de experiências que misturam o lirismo dos versos com aquilo que é o viver. Entendo que a vida e o lirismo extravasam e atravessam as dicotomias, coexistindo no fazer literário de maneira não hierarquizada e colocam na superfície dimensões múltiplas da vida que é, também, lírica. Geram-se daí movimentos que evidenciam a diferença, entendida aqui como aquela que diz respeito às identidades e às semelhanças, de modo que venha a dissolver tudo aquilo que é determinante.

Tomada pela energia e força ancestral para realizar e fazer as coisas acontecerem nessas linhas carregadas de ventanias, que movem as nuvens derrubando águas na extensão da terra, pude compreender que essas riografias estão na fina transparência das águas, que não necessariamente significa fonte de visibilidade, mas aquilo que reduz a espessura do mundo de

modo a fazer ver que não há dissimulações ao colocar em cena a relação de conhecimento e poder para (re) fazer os percursos que nos foram/são impostos, que acabaram por apagar e cercear atuação do corpo de mulheres negras no campo de estudo da literatura nos impedindo de ler, compartilhar e examinar produções outras para além daquelas contadas por Homero, Proust, Cervantes, Shakespeare, Platão, para citar alguns.

As relações de conhecimento e poder perpassam as produções que sustentam o pensamento colonial, o qual é a base para o funcionamento do racismo, que se constitui em campos de subordinação para pessoas negras. Desse modo, as “teorias da memória”, em que o tempo é dilatado fazendo circular histórias silenciadas, estão no contexto decolonial de maneira que as constituições políticas, sociais e históricas são retomadas para ser colocada em prática intervenções em que a escrita possa ser descentrada das “grandes” narrativas do passado.

Pensar em “teorias da memória” para essas riografias é entender que há uma poética que penteia o tempo de outra maneira, de modo a compreender que este não é matéria e sim duração, funciona em uma sucessão de mudanças que integram a complexidade de um contexto social e político em que o exercício do poder até então interdita corpos negros. A tessitura da memória constituída pelo tempo constrói outros sentidos para as riografias arrumando os elementos de modo que tudo caiba.

Com isso, seguindo os rastros das muitas vozes que me antecedem e me atravessam, entendo que os ventos que movem as águas criam relações com o tempo e são esses movimentos que constituem memórias em prolongamentos e conservações. Portanto, a poética de Lívia Natália se relaciona com o tempo, essa construção movente que não age como espaço que possa ser quantificado (BERGSON, 1988 *apud* COELHO, 2004), pois passa pela compreensão de que “é puro labirinto, a diferença entre passado e presente é de natureza, portanto o passado não é um antigo presente, o tempo ontológico não é sucessivo, e sim simultâneo” (CRISTINA PESCUA, 2013, p. 71). Desse modo, o lirismo dos versos da poeta estão nesta pesquisa acadêmica para que seja possível enxergar novos e outros fluxos na história literária tomando as escritas negrofemininas como aquelas que possam constituir um repertório crítico outro nas produções literárias na Bahia e no Brasil.

A compreensão de que o tempo é duração, que se modifica sem cessar e é arrastado vagorosamente constituindo memórias as quais demarcam momentos de força e fraqueza, reelaboram o fazer e com isso identifico meus rumos numa lenta e apressada elaboração de que corpos de mulheres negras não escapam às suas memórias, pois são estas que nos

constroem e nos destroçam e mesmo que formado por uma série de regimes, estes corpos se constituem em reexistências.

Portanto, este trabalho consiste em criar problematizações que perpassam as intersecções de gênero-raça fazendo movimentar formas e estruturas de maneira a romper com o código hegemônico que compõe a escrita poética, bem como cria espaços para a compreensão de que “a poesia não vive senão na tensão e no contraste (e, portanto, também na possível interferência) entre o som e o sentido” (AGAMBEN, 2002, p. 142), o que provoca o debruçar-me sobre a lírica dos versos do poema “Ori”, produzindo os encontros das águas com a terra os quais são elaborados de maneira que seja possível traçar linhas para pensar de como estas riografias escapam e fundamentam o debate sobre o corpo e os desejos num agenciamento político-acadêmico.

### **ODU: BLACK AESTHETICS OF A WATER WRITING**

**ABSTRACT:** The purpose of this text is to present the *odu*, which traces the path of a black aesthetic produced by a poetic writing formed by water, aiming to announce which turns and paths are possible to elaborate in words to speak of peripheral and black modernities. So, the comprehension of this work walks in the sense of understanding that black women literary production consists of political-cultural actions of modernity, from the watery texture of its tracings, which are called rivergraphies. For this, discussions around the poem "Ori" by the poet Livia Natália deliver consistencies for this production that defies structure.

**KEYWORDS:** Ancestrality; Written of Black Women; Modernity; Rivergraphies.

### **REFERÊNCIAS**

- AGAMBEN, Giorgio. *O fim do poema*. Tradução de: Sérgio Alcides. Revista Cacto, São Paulo, n. 1, p. 142-149, ago. 2002.
- BAIROS, Luiza. *Nossos Feminismos Revisitados*. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 458, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16462>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- COELHO, Jonas Gonçalves. Ser do tempo em Bergson. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 8, n. 15, p. 233-246, 2004.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LIMA, Diane Sousa da Silva. *Fazer sentido para fazer sentir*. Resignificações de um corpo negro nas práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras. 2017. 200fls. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.
- NATÁLIA, Livia. *Água negra e outras águas*. Salvador: EPP, 2016.
- NATÁLIA, Livia. *Dia bonito pra chover*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. 2005. 353fls. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

PESCUMA, Cristina. *A arte contemporânea e o pensamento da diferença*. Salvador: 2013.

SOUZA, Ana Lúcia da Silva. *Letramentos de reexistência. poesia, grafite, música, dança: hip hop*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

*Recebido em: 18/12/2022.*

*Aprovado em: 14/03/2023.*